

# Nova ameaça de confronto entre os índios e posseiros em Banzaê

ANCHIÊTA NERY

**BANZAE (Da Sucursal de Feira de Santana)** - O secular litígio entre índios kiriris e posseiros, no município de Banzaê, distante 320 quilômetros de Salvador, poderá ganhar mais um capítulo sangrento. A trégua de quase dois anos sem confrontos está ameaçada, com a possibilidade de se travar uma guerra de dimensões imprevisíveis. Cansados de esperar o pagamento das indenizações pelas benfeitorias que fizeram em território indígena, durante o período de ocupação, os posseiros ameaçam invadir a reserva.

"Nossos filhos estão passando necessidades. Não temos onde plantar", protesta o posseiro José Dias dos Santos, apontando como única alternativa a invasão das terras, que deixou há dois anos e meio, e pelas quais, até agora, não recebeu a indenização prometida pela Funai. "Se entrarem nas nossas terras, não vão sair inteiros", responde o cacique Lázaro Gonzaga de Souza. "Se os índios tentarem impedir, nós vamos reagir e vai ter guerra", devolve o posseiro. As partes envolvidas no conflito, entretanto, desejam que a Funai efetue o imediato pagamento, para evitar mais um derramamento de sangue.

A reserva de 12.300 hectares dos kiriris durante muitas décadas foi ocupada por posseiros, que criaram sete pequenos povoados. Quando a tribo cresceu e a necessidade por terra tornou mais evidente, tiveram início as escaramuças, com cenas violentas, destacando-se o assassinato do índio Zezito Santos, em 1984, nas ruas do povoado de Mirandela. O conflito exigiu a presença de um destacamento da Polícia Militar no local e agilizou o processo de demarcação do território kiriri. Entretanto, somente em 1995 foi concluída a perícia para definição dos valores das indenizações e os posseiros começaram a ser removidos da reserva.

Os últimos posseiros deixaram o território indígena há dois anos e meio mas até agora não receberam as indenizações, que correspondem a R\$ 4,6 milhões, para 196 famílias - a Funai já pagou R\$ 5.840 mil. Desesperados, os posseiros interditaram a BA-220, que liga Banzaê a Ribeira do Pombal, passando pelo território kiriri, no dia 31 de janeiro, contando até mesmo com a simpatia dos índios, que também querem so-



Fotos: João Santana

**Os índios estão preparados para entrar em guerra caso os posseiros insistam em invadir suas terras**



**Cacique Manoel, da tribo Kiriri**

lução rápida para que possam viver em paz. No domingo, o delegado substituto da Funai em Paulo Afonso, Antônio Alves de Santana Sobrinho chegou ao local do conflito para tentar intermediar a questão.

## Fome

Na última segunda-feira, os posseiros realizaram mais um protesto, também na BA-220, no limite norte da reserva indígena. Antônio Alves garantiu que a prioridade da Funai é o pagamento das indenizações, mas explicou que o Congresso Nacional ainda não aprovou a dotação orçamentária da Fundação Nacional do Índio para este ano e sem recursos, razão por que o atendimento à reivindicação não poderia ser atendida imediatamente. Exaltados, os posseiros viraram a D-20 da Funai, utilizada pelo delegado substituto, retiraram combustí-

vel da motocicleta usada pelo chefe da Funai em Banzaê, Sandro Pena Ribeiro Lemos, e incendiaram os dois veículos.

Os índios, que apoiavam os posseiros no protesto, inclusive aceitaram integrar uma comissão que iria até Brasília, diante do ataque aos dois veículos ficaram de prontidão e pegaram os arcos e flechas, com receio de uma ação mais direta. "Nós vivemos no sofrimento, trabalhando em terra dos outros, à diária. A Funai não pagou nossas indenizações e estamos em dificuldades. Vamos voltar para nossas terras, onde podemos plantar. Não podemos esperar mais, nossos filhos estão morrendo de fome", reclama José Dias, argumentando que herdou dos pais uma parte dos 70 hectares que ocupava na reserva e a outra adquiriu. "Tenho escritura

da terra", assegura.

Integrante do Conselho da Comunidade, Bonifácio da Silva responsabiliza a Funai pelo clima de tensão em Banzaê, mas não concorda com as medidas extremas adotadas pelos posseiros - incêndio nos veículos da fundação. Cauteloso, Boni, como é chamado respeitosamente, não acredita que os posseiros invadam a reserva, mas garante que "nós não vamos permitir". O cacique Lázaro Gonzaga de Souza, conhecido pelo estilo conciliador, tem opinião diferente: "Se a Funai não entrar com recursos imediatamente, talvez aconteça a invasão". Ele diz que está rezando para haver entendimento e "todo mundo possa viver a sua vida", mas garante que, se houver invasão, os posseiros "não vão sair inteiros".



**Posseiros estão em alerta para um possível confronto com os índios**

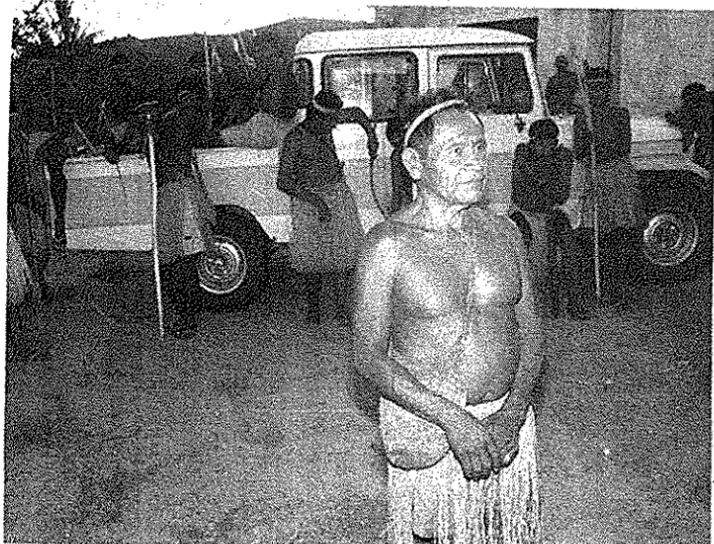
## PM mantém tropa na área para garantir a paz

O tenente-coronel Aloísio Campos Filho, coordenador de Operações do comando geral da Polícia Militar, está se tornando um especialista em mediar conflito entre índios e posseiros em Banzaê. Com estilo tranquilo e bom diálogo, ele foi convocado a fazer a primeira intervenção em 1997, durante o processo de retirada dos últimos posseiros. Retornou à região um ano depois, em novo litígio, quando os kiriris chegaram a matar algumas cabeças de gado que ainda estavam na reserva. "O estado de carência e miséria é tão grande que incentiva a revolta dos não índios. Mas não aprovamos a violência", afirma.

Juntamente com o major Jaime Magalhães, da 21ª Companhia de Caldas de Cipó, ele está comandando um contingente de 35 policiais militares, de prontidão na área. Está conversando com as lideranças indígenas e dos posseiros, buscando,

mais uma vez, desarmar os ânimos. O tenente-coronel não acredita que o conflito se dobre em uma guerra, pois detecta um certo receio "por parte mais dos não índios, que sabem que os índios defenderão seus domínios". O Coronel Aloísio Campos, que reconhece que a Funai está demorando muito para pagar as indenizações, está contando, desde ontem, com a ajuda de dois peritos, um delegado e cinco agentes da Polícia Federal, que se deslocaram de Brasília para tentar solucionar o conflito.

Além do conflito com os antigos posseiros, os kiriris enfrentam divergências internas, com dois grupos rivais, um liderado pelo cacique Manoel Cristóvão Batista, reunindo 171 famílias, e o outro sob o comando do cacique Lázaro Gonzaga, com 130 famílias. O primeiro diz que, apesar do grupo ser mais numeroso, detém apenas



**O cacique Lázaro diz que haverá problemas se a Funai não agir**

10% da reserva e, "assim mesmo, eles querem tomar". O cacique denuncia, mais uma vez, que dois índios foram assassinados pelos rivais, em 1995 e 1996.

Mas agora as querelas internas estão sendo superadas e os índios, aparentemente, estão unidos contra os posseiros, que são considerados o inimigo comum.